

## Declaração da Esquerda Marxista: nenhuma intervenção imperialista na Síria

A escalada de enfrentamentos na Síria se desenvolve tendo como cenário o massacre permanente do povo. As forças reacionárias de Assad e das milícias islâmicas integradas financiadas pelo imperialismo promovem sangrentos enfrentamentos. Assad e suas tropas reacionárias controlam as minorias alauitas e cristãs e também boa parte da população urbana, enfrentando-se à forte reação sunita dos fundamentalistas islâmicos. Ambas as forças defendem a continuidade da exploração e do capitalismo. É uma guerra do capital contra o povo trabalhador explorado. A revolução popular iniciada na Síria foi dolorosamente interrompida pelas forças da reação.

O imperialismo estadunidense, após bater seus tambores de guerra, com Obama declarando-se pronto e disposto a bombardear a Síria para punir um suposto uso de arma química contra "rebeldes" armados pelo próprio imperialismo, começa a colocar as barbas de molho depois que seu parceiro Cameron, primeiro Ministro do Reino Unido, sofreu humilhante derrota no parlamento britânico.

A maioria do Parlamento votou contra a ação bélica. Isso revela que há uma forte resistência por parte da população britânica em prestar apoio a qualquer intervenção militar na Síria. Agora é a vez de Obama caminhar sem seu parceiro inglês e certamente também enfrentará sérias resistências.

O Congresso dos EUA está em re-

cesso até o dia 9. Obama e os congressistas estão sob intensa pressão da população que já experimentou a trágica enganação que levou à invasão do Iraque. Na época, Bush também caçava armas químicas, então de Saddam Hussein, e levou os EUA a uma aventura da qual até hoje não se recuperou. A ação provocou milhares de mortes da população civil iraquiana, na sua maioria crianças, mulheres e idosos, sem contar os soldados, trabalhadores pobres, negros e descendentes latinos, que morreram em nome da barbárie imperialista.

### Não à intervenção imperialista na Síria

A Esquerda Marxista denuncia os interesses do imperialismo. Opomos-nos a esta intervenção. Ela não tem nada de ajuda humanitária ou de ação pela paz. Trata-se de mais uma ação com o objetivo de aumentar as forças dos EUA no Oriente Médio, que está se levantando em revoluções. As massas sírias não podem ser utilizadas como joguetes nas mãos dos senhores capitalistas, que jogam esse jogo macabro para dar vida ao império em crise.

As forças da reação, o imperialismo, não podem dar à humanidade qualquer perspectiva que não seja a destruição e as guerras. O imperialismo não tem nada a oferecer ao povo sírio e às massas no Oriente Médio. Seus povos querem a paz construída por eles mesmos. Querem trabalho, salários, pão e liberdade. Coisas que nem os EUA, In-



Manobra militar dos EUA no Mediterrâneo

glaterra, ou qualquer força imperialista ou capitalista, pode lhes conceder.

Se hoje a revolução na Síria está sendo adiada, a força revolucionária dos povos explorados e oprimidos de todo o Oriente Médio, cedo ou tarde, a reconduzirá ao patamar mais elevado na luta pelo estabelecimento dos Estados Unidos das Repúblicas Socialistas do Oriente Médio.

A Esquerda Marxista se posiciona em linhas de classe sobre o que ocorre na Síria. Somos pelo fim do regime de Bashar al-Assad, somos contra qualquer ordem dirigida pelas forças reacionárias de qualquer religião. Somos pela unidade e soberania do povo sírio, o qual, por seus meios, poderá se emancipar do jugo do capital e de todo fanatismo religioso a serviço dos capitalistas.

**Não confiar em Assad, não confiar nos senhores da religião e da guerra! Nenhuma intervenção imperialista na Síria!**

## Quem somos

A Esquerda Marxista (EM) é uma organização de luta pelo socialismo. Como seção brasileira da CMI (Corrente Marxista Internacional), lutamos em todo o mundo para ajudar os trabalhadores e jovens a se organizarem na luta por sua emancipação.

Lutamos contra a colaboração de classes e contra a defesa do capitalismo e sua maquiagem feita pelos reformistas. Nada temos que ver com as organizações e agrupamentos ultra-

esquerdistas que, incapazes de se relacionarem com a classe trabalhadora, se dedicam ao divisionismo e ao denunciamento inócua e impotente. Nós lutamos nas organizações de massa para construir uma corrente revolucionária de massas. Nesse sentido atuamos na luta de classes e nas entidades historicamente construídas pelos trabalhadores e pela juventude.

A EM dirigiu as ocupações de fábricas lutando por sua estati-

zação sob controle dos trabalhadores, luta por educação pública e gratuita para todos, pela reestatização de tudo o que foi privatizado, contra a criminalização dos movimentos e organizações dos trabalhadores, em defesa das conquistas e reivindicações da classe trabalhadora e da juventude, contra o capitalismo.

**Comitê Central da Esquerda Marxista.**



Trabalhadores cutistas posicionam-se contra a crise

# Todos às ruas para arrancar as reivindicações!

## Direções sindicais não mobilizaram para o Dia Nacional de Luta

Em julho, pela primeira vez em mais de dez anos, as principais capitais brasileiras perderam 11 mil postos de trabalho. É preciso averiguar os dados de agosto, ainda não publicados, para verificar se isso representa o início de uma ascensão do desemprego nas regiões metropolitanas ou se é apenas um espasmo isolado, que anuncia uma enfermidade mais à frente. Mas algumas coisas são certas, como a EM vem dizendo há tempo: o Brasil não está isolado, não existe capitalismo em um só país, a crise mundial que aqui já chegou não é apenas uma "marolinha".

A burguesia e o governo, submisso a ela, sabem disso. E, por isso, buscam – antes mesmo de ter que cortar na carne, fechando massivamente postos de trabalho – fazer aprovar uma série de medidas para aprofundar a exploração do trabalho, minar a capacidade de luta da classe trabalhadora. Com isso, quando a forte crise chegar enfrentarão em melhores condições a luta de classes.

Este é o pano de fundo para a aprovação do Projeto de Lei nº 4330/04, sobre a PL da terceirização, de autoria do deputado-empresário Sandro Mabel (PMDB-GO). Em 3 de setembro, quando no fechamento desta edição, manifestantes sofriam violenta repressão no Congresso Nacional. A sessão foi suspensa e a votação adiada.

A terceirização não apenas permite a redução de direitos trabalhistas e de salários, mas dificulta a organização sindical e reduz a capacidade de mobilização. Muitas vezes terceirizados em empresas menores são considerados de outras categorias, não têm sindicatos ou suas entidades são fracas.

Também faz parte da preparação da burguesia para a crise a "extinção gradual" da multa de 10% do FGTS em caso de demissão sem justa causa. Claro! Se o plano é aumentar as demissões no próximo período, a burguesia quer reduzir o custo das demissões.

Num contexto onde ano após ano os

grandes bancos e empresas, nacionais e estrangeiras, sangram o país desviando quase metade do orçamento anual da União para o pagamento de uma dívida pública fraudulenta (que já foi paga várias vezes), a direção da principal central sindical do país, a CUT, chamou um "dia nacional de lutas e paralizações" em 30 de agosto. Porém, não preparou nem organizou nada, a não ser fracos atos. Fez isso porque continua sua política tripartite de colaboração de classes e de "ajuda ao desenvolvimento do capitalismo".



Manifestante reprimido no Congresso Nacional

Na véspera, o presidente da CUT dizia que a pauta da central era "a reeleição de Dilma em 2014". Em que mundo vivem esses dirigentes?

No site da CUT, contradizendo as palavras de seu presidente, está publicada a pauta aprovada da central, que não inclui a reeleição da Dilma em 2014, mas revela muitas contradições. O primeiro ponto fala contra o PL da terceirização. Porém, na prática, a cúpula cutista, junto a deputados petistas, busca emendar o PL de Sandro Mabel para "melhorar o texto". Depois, a pauta

segue reivindicando pontos corretos, mas não levanta a questão central que permitiria o atendimento de todas as reivindicações: fim do pagamento da dívida interna e externa.

Há ainda muitas outras contradições: fala do "fim do fator previdenciário", mas não exige a revogação das contrarreformas da Previdência; fala em transporte de qualidade, mas não exige gratuidade, garantia dos serviços públicos (mesmo depois de milhões saírem às ruas em junho) e reestatização de tudo que foi privatizado; pede mais verbas para a saúde, mas não fala contra a privatização deste setor; opõe-se aos leilões do petróleo, mas não exige o restabelecimento do monopólio estatal. Uma pauta rebaixada, que não vai até o fim, vacilante e que reflete o caráter da atual direção majoritária do movimento operário brasileiro.

Os trabalhadores estão dispostos. Onde foram chamados, lutaram. É preciso dizer: em 30 de agosto não houve paralisações generalizadas porque os dirigentes da CUT e dos sindicatos não moveram-se, não construíram. O chamado do dia foi "para inglês ver".

Como já dizia Leon Trotsky, há 75 anos, no Programa de Transição: "A crise da humanidade se resume à crise de direção do proletariado". E completava: "A orientação das massas está determinada, de um lado, pelas condições objetivas do capitalismo que se deteriora; de outro, pela política traiidora das velhas organizações operárias. Destes dois fatores, o fator decisivo é, sem dúvida, o primeiro: as leis da história são mais poderosas que os aparelhos burocráticos".

Isso segue válido para todo o mundo e salta aos olhos no Brasil. Com esses dirigentes o horizonte da classe trabalhadora será de derrotas. Os trabalhadores conscientes combatem contra isso, para construir a organização revolucionária e ajudar a classe a superar esta direção. Esta é a tarefa do momento.

## 75 anos de fundação da IV Internacional

Em 3 de setembro de 1938 na cidade de Périgny, França, realizou-se o Congresso de Fundação da IV Internacional. Leon Trotsky, que viria a ser assassinado no mês agosto de 1940, pelo agente stalinista Ramón Mercader, dirigiu-se então a seus camaradas participantes do Congresso por meio de uma gravação onde afirmava: "Nosso objetivo é a total libertação material e espiritual dos trabalhadores e dos explorados através da revolução socialista. Se nós não a fizermos, ninguém a preparará, nem a dirigirá".

O mundo vive hoje uma crise decomunal do capitalismo. As organizações operárias de todo mundo, dirigidas por reformistas ou ex-stalinistas, desde há muito, não podem mais dar as respostas necessárias para fazer avançar o movimento operário em direção ao socialismo. Passaram para o terreno da burguesia. As organizações que se reivindicam herdeiras do legado da IV Internacional, enveredaram pelo campo da burguesia ou para o sectarismo. Dilacerando-se em uma multiplicidade de agrupamentos, cada qual a seu modo, não compreendendo o significado da crise de direção e o papel das direções tradicionais, ergueram verdadeiras seitas no interior do movimento operário, dificultando ainda mais a luta pela construção do partido mundial do proletariado.

A partir de 2008, as grandiosas manifestações e lutas realizadas pelos trabalhadores em resposta aos ataques desferidos pelos capitalistas para tentar se livrar do ônus da crise, na Espanha, Itália, Portugal, Canadá, EUA, Grécia, Turquia e inclusive no Brasil, invariavelmente encontraram nas direções dos aparelhos tradicionais (dos partidos e sindicatos) verdadeiras barreiras para seu pleno desenvolvimento em direção à revolução. Como disse Trotsky no Programa de Transição: "A crise atual da civilização humana é a crise de direção do proletariado. Os operários avançados, reunidos no seio da IV Internacional, mostram à sua classe o caminho para sair da crise. Propõem-lhe um programa baseado sobre a experiência internacional da luta emancipadora do proletariado e de todos os oprimidos do mundo.



Propõem-lhe uma bandeira sem mácula alguma". Segue aberta a batalha pela construção do partido revolucionário.

O Programa de Transição, redigido por Trotsky e aprovado pelos delegados presentes no Congresso de fundação da IV Internacional, segue sendo o elo entre as lutas revolucionárias da classe operária do passado e as lutas de hoje, exigindo a unificação da vanguarda revolucionária em todo o mundo, sob a base de um programa de independência de classe e marxista, para libertar a humanidade do jugo do capital e inaugurar a era do socialismo.

Trotsky, em sua carta dirigida ao Congresso de fundação da IV Internacional, dizia: "durante os próximos dez anos, o programa da IV Internacional se transformará no guia de milhões de pessoas, e estes milhões de revolucionários saberão como mover o céu e a terra". Isso não se realizou. O stalinismo saiu fortalecido da Segunda Grande Guerra Mundial; os sectários viram o fim da guerra como o desabrochar sem fim de uma era revolucionária; o capitalismo, sob a base da destruição massiva das forças produtivas, se recompôs. A previsão não se realizou, no entanto, segue sendo o Programa da IV Internacional, por excelência, a ferramenta que permite aos proletários moverem o céu e a terra.

A Esquerda Marxista e a Corrente Marxista Internacional, continuam na batalha para se aproximar da juventude e da vanguarda operária,

para erguer o Partido Revolucionário como parte da obra de emancipação da classe que será realizada por ela mesma em nível mundial.

O Programa de Transição combina as reivindicações imediatas com a luta pelas reivindicações que permitam à classe avançar em direção ao poder. "A IV Internacional não rejeita as reivindicações do velho programa mínimo, à medida que elas conservaram alguma força vital. Defende incansavelmente os direitos democráticos dos operários e suas conquistas sociais. Mas conduz este trabalho diário ao quadro de uma perspectiva correta, real, ou seja, revolucionária. À medida que as velhas reivindicações parciais mínimas das massas se chocam com as tendências destrutivas e degradantes do capitalismo decadente – e isto ocorre a cada passo, a IV Internacional avança um sistema de REIVINDICAÇÕES TRANSITÓRIAS, cujo sentido é dirigir-se, cada vez mais aberta e resolutamente, contra as próprias bases do regime burguês. O velho programa mínimo é constantemente ultrapassado pelo PROGRAMA DE TRANSIÇÃO, cuja tarefa consiste numa mobilização sistemática das massas em direção à revolução proletária."

Essa é a luta da Esquerda Marxista. Convidamos a todos os nossos leitores, para, neste mês de setembro, onde comemoramos os 75 anos de fundação da IV Internacional, participarem de nossas reuniões. Juntos daremos continuidade aos ensinamentos do marxismo, consubstanciados no Programa de Transição.

**Expediente:** Boletim Foice & Martelo - Órgão da Esquerda Marxista, seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (www.marxist.com). **Diretor responsável:** Serge Goulart. **Editor responsável:** Wanderci Bueno. **Jornalista responsável:** Rafael Prata: MTB nº 40040/SP. **Sede Nacional:** Rua Tabatinguera, 318 - Sé - Centro - São Paulo - SP - CEP: 01020-000 e-mail: contato@marxismo.org.br - Telefone: (11) 3101 8810.